

Análise da capa de um jornal à luz da Semiótica Francesa

Jaqueline Rocha Lima*
Universidade do Vale do Rio Doce

Índice

1. Introdução	2
2. Olhar Semiótico	3
3. O Jornal, o Jornalista e o seu papel	5
3.1. Jornal Hoje em Dia	7
4. Análise	8
5. Considerações finais	13
6. Referências bibliográficas	13
7. Anexo	14

Resumo

A proposta do trabalho é fazer uma abordagem a respeito do discurso verbal e visual da capa de um jornal impresso. Como ferramenta de análise foi utilizado um olhar semiótico, baseado na Semiótica Francesa, portanto, na contribuição de Algridas Julien Greimas¹, no que diz respeito aos planos de

*Jaqueline Rocha Lima é graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Vale do Rio Doce (Univale). Endereço eletrônico: jaqueline.rochalima@gmail.com.

¹Autor que para chegar as suas conclusões nos planos de conteúdo e de expressão sofreu influências de Hjelmslev, semioticista que reformulou as noções de signos de Saussure. Para ele, significante e significado são entendidos como Planos de Linguagem.

expressão e conteúdo, relacionado às substâncias e as formas. O produto escolhido para análise foi o segundo jornal mais lido do estado de Minas Gerais, Hoje em Dia, do dia 23 de setembro de 2005. Além de utilizar a Semiótica Francesa, o texto insere também alguns temas importantes para interpretar a capa: interesse comercial e apelos visuais, e ainda uma sucinta explanação sobre a função social de um jornal e conceitos de notícia.

Semiótica Francesa, Hoje em Dia, Plano de Expressão, Plano de Conteúdo e Notícia.

1. Introdução

Antes de iniciar uma análise mais aprofundada sobre o Jornal Hoje em Dia é importante dar algumas características do veículo. Trata-se de um jornal mineiro, que aborda temas regionais, nacionais e internacionais. O público alvo é, primordialmente, pessoas do estado de Minas Gerais, não analfabetas. Trata-se de um veículo em que a leitura é fator importante, no entanto, não essencial, pois as fotos desse jornal são tão expressivas, que muitas vezes, transmitem a mensagem, mesmo sem utilizar a leitura.

Mediante isso, percebe-se que o jornal Hoje em Dia é um exemplo de veículo sincrético. Termo definido por Discini (2005: 91) como um tipo de texto que une em si dois meios diferentes de expressão: o verbal e o visual.

A interpretação da capa de um jornal é relevante para o público e, principalmente, para o profissional do jornalismo. Greimas, nesse sentido, é de grande valia, pois o filósofo aborda em uma mensagem, não apenas os interlocutores, mas tudo que envolve a notícia, os oponentes, o destinatário, o adjuvante e até mesmo o destinador. Um dos fatores primordiais nessa análise são os recursos não-visuais.

O argumento da superioridade da comunicação não-verbal insere-se numa teoria semiótica mais geral desenvolvida no âmbito da estética do século XVIII: a teoria da mimese, da representação por signos icônicos, mais próximos ao mundo representado. Argumentava-se, nessa época, que os signos icônicos e os signos naturais são os meios de representação semiótica e esteticamente superiores aos signos arbitrários. Assim, o mais icônico e natural dos signos é também o mais belo. (North, 1999: 49)

O objetivo deste trabalho será levar as contribuições da semiótica francesa para o jornalismo. Analisando os conceitos e identificando em seções do jornal, como na capa, foto e frases, o papel social do jornalista, tomando como

referência a chamada de capa para a matéria publicada sobre Jean Charles de Menezes², intitulada como “Metrô teria filmado Jean”.

A finalidade por analisar especificamente a matéria de Jean é devida o interesse da mídia por esse caso. Um menino que ninguém conhecia e, de uma hora para outra, mesmo que de forma negativa, passou a ser conhecido no mundo inteiro. Esse caso reflete nos conceitos de notícia jornalística, de que nem todo fato vira notícia, dependendo da relevância pública.

2. Olhar Semiótico

[...] A Semiótica é a ciência que tem por objetivo de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e sentido. (Santaella, 1983: 34)

O paradigma proposto por Greimas está relacionado a duas vertentes: o nível profundo e superficial. O primeiro diz respeito ao plano de expressão, que inclui a forma (o sistema linguístico de fonemas, grafemas e todo o conjunto externo), e a substância (cadeia fônica ou gráfica). Já o segundo, referente ao superficial, diz respeito ao Plano de conteúdo, no qual a forma está intrinsecamente ligada à gramática e a substância, à parte semântica, um dicionário, ou a parte léxica.

De acordo com o Lopes e Hernandez (2005: 111), para a semiótica francesa todo texto tem um plano de conteúdo, lugar dos conceitos, ou “onde o texto diz o que diz”, e um plano de expressão, grosso modo, a parte “material” ou sensível de um texto, que sustenta os conteúdos.

Em uma capa de jornal, por exemplo, a substância do plano de expressão abrange desde como as pessoas estão vestidas, as cores das roupas até mesmo a parte estética, quanto ao tamanho das fontes. A forma diz respeito à maneira como os elementos citados acima estão combinados, que tem como proposta formar uma mensagem. Já no plano de conteúdo é mais abrangente, o significado transmitido é toda a mensagem implícita do conjunto da capa.

Todo o jornal forma um classema, que de acordo com os conceitos da semiótica francesa significa a classe de semas³. Cada elemento é chamado de

²Jean Charles de Menezes foi morto no dia 23 de julho de 2005, vítima da Polícia de Londres. Confundido com um terrorista, Jean foi assassinado no metrô. O brasileiro era morador da cidade mineira Gonzaga e, como muitos brasileiros, também estava ilegal.

³

sema. E a junção de todos os semas, incluindo imagens e textos são chamados de configuração discursiva.

Para entender a semiótica francesa é necessário compreender alguns conceitos, como sincretismo que é a reunião de linguagens em um determinado texto. No jornal impresso, essas linguagens incluem a grafia, tipografia, gestual, entre outras organizadas no texto. Para a semiótica, a relação entre o autor (emissor) e o leitor (receptor) não se dá apenas de transmissão de informações mas também de fazer crer, ou seja, mudar ou até mesmo reforçar crenças, mobilizar atitudes que vão resultar ou não em determinados atos.

Outro conceito é a sintagmação, cujo foco principal é o emissor. O jornal, por exemplo, utiliza sintagmas (elementos) para uma melhor compreensão do leitor. A soletração é a junção de todos os sintagmas que ao final produz algum sentido. Paradigmatização é considerado por Greimas todo e qualquer sentido que está oculto, em entrelinhas. Já a narrativização é um contar de uma história, estabelecendo-se os sujeitos (participante principal), objeto (o desejo), oponente ou anti-sujeito (que se posiciona contra a vontade do sujeito) e o manipulador⁴ (que impulsiona ao desenrolar da história).

Para esclarecer alguns conceitos, os autores Lopes e Hernandes (2005: 29) deram também sua contribuição para a semiótica:

Esses conceitos da semiótica podem ser entendidos da seguinte forma: há sempre um sujeito que se coloca em busca de um objeto que representa um valor para ele. Quando falamos em objeto não estamos necessariamente nos referindo a algo palpável, mas sim à meta do sujeito, àquilo que quer alcançar. Não importa se estamos contando a história de um príncipe em busca do casamento com a princesa, e um universitário em busca do diploma, de um empresário em busca da melhoria dos lucros da sua empresa, etc. Todas essas narrativas têm em comum um sujeito que busca um objeto-valor. A idéia é alcançar essa meta, que, em

⁴ No site do escritor José Alves Pinho sobre Análise da Narrativa, há alguns conceitos de semiótica que são de extrema utilidade para a análise deste trabalho: Sema é a unidade mínima da significação; Lexemas são as unidades de sentido amplo, que permitem trabalhar tanto com campos lexicais, quanto semânticos. Descobrimos então, relações de identidade, oposição e associação; Classema é a junção de dois lexemas. É ele que define e garante a homogeneidade do texto; Configuração discursiva é a constatação que certos percursos figurativos apresentam traços comuns e semelhantes num texto em análise.⁵ De acordo com Lopes e Hernandes (2005: 183), para Greimas e Courtés, toda manipulação “é sustentada por uma estrutura contratual e ao mesmo tempo por uma estrutura modal”. A partir dessas duas estruturas poder ser reconstituídos os simulacros que determinam as relações intersubjetivas dos sujeitos da manipulação, o destinador e o destinatário.

termos semióticos, significa entrar em conjunção com o objeto-valor. O caminho trilhado por essas ações constituirá a narrativa desse sujeito. Esta, portanto, partirá sempre de uma necessidade de busca do objeto-valor pelo sujeito, ou seja, de uma situação de disjunção. [...] O anti-sujeito [...] representa os obstáculos que cada um desses sujeitos vai encontrar em seu caminho de busca [...].

Na semiótica francesa, os autores e leitores são pensados como numa relação de enunciador e enunciatário. O enunciador é aquele que persuade ou convence, que apresenta a verdade, e cumpre ainda o papel de enunciador (o que impulsionou as mobilizações). Já o enunciatário é o que interpreta o texto, e cumpre o papel de destinatário, quando a comunicação foi bem sucedida (ou seja, a mensagem foi passada da forma calculada pelos enunciadores).

Recusando as instâncias “neutras” do modelo da comunicação, emissor e receptor, e por conseguinte, idéia de transmissão e recepção de mensagens, ele (Greimas) propõe, no plano do enunciador, o exercício do fazer persuasivo (fazer-criar), e, no plano do enunciatário, o fazer interpretativo (ato de crer [ou não] [...]) Greimas afirma que a interpretação envolve tanto o reconhecimento como a identificação, sendo a “verdade” reconhecida, nesses termos, mediante uma operação de comparação entre o que é “proposto” pelo enunciador e aquilo em que o enunciatário já acreditava. Isso implica a identificação do que é proposto e sua identificação tanto à realidade referencial como ao universo cognitivo. [...] (Lopes e Hernandez, 2005: 127).

3. O Jornal, o Jornalista e o seu papel

Para Thompson (2004: 25), a comunicação é como um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos.

Referindo-se à parte da produção, esse é o papel do jornalista: transformar fatos em notícia. O código de ética do jornalista, no capítulo II “Da conduta profissional do jornalista”, no artigo 9, traz uma série de deveres do jornalista, como respeitar a privacidade do cidadão, preservar a profissão e não perder o foco da responsabilidade social. Além de checagem das informações, ouvindo sempre os dois lados.

Um dos fatores mais polêmicos no jornalismo é a imparcialidade. Divulgar os fatos, como eles realmente são, sem opinar em nenhum momento. Esse jornalismo ideológico, vem se desmistificando, na medida em que a sociedade vai tomando conhecimento que o profissional do jornalismo trabalha em uma empresa como outra qualquer, que precisa produzir, para receber no final do mês. É o que faz muitas vezes o profissional não agir de forma ética para conseguir um furo e passar à frente do concorrente.

O jornalismo é também um negócio. [...] O jornalismo tem custo, a começar pela contratação de jornalistas e pelos vencimentos oferecidos aos jornalistas. [...] A dimensão econômica enfatiza a percepção da notícia como um produto que deve ser inserido na relação existente entre o produtor e cliente a satisfazer as exigências do cliente. [...] Assim, a notícia é um produto perecível, que deve chegar ao cliente o mais rapidamente possível para ser utilizada (Traquina, 2001: 78)

No jornalismo, em especial no jornalismo impresso, o papel da fotografia é de suma importância para completar a notícia. O autor Vanoye (2003: 254) explica a importância da fotografia para a construção de um sentido: “[...] a fotografia não veicula apenas uma mensagem referencial; sua preparação (enquadramento, proporções respectivas dos objetos, luminosidade, cores, etc), sua montagem [...] “carregam-na” de conotações múltiplas e complexas”.

A fotografia no jornalismo é de tal importância, que se tornou um estilo da profissão: o fotojornalismo. No livro *A Comunicação nos textos*, a autora Discini (2005: 91) dá uma definição para o termo que consta no *Manual do Jornal Folha de São Paulo*, como “um gênero do jornalismo em que as informações são codificadas em linguagem fotográfica, não em linguagem verbal”.

Referendada pelo autor, fica nítido entender no jornalismo o motivo do destaque de algumas fotos, de mais luminosidade, ou até mesmo, cores mais vivas. Todos esses aspectos influenciam diretamente na construção do sentido da mensagem a ser transmitida. As cores hoje são fatores influenciadores da mensagem. Segundo Coragem e Silva, essa característica de usar a cor como forma de comunicação não é recente:

Desde a pré-história, os homens usam a cor para se expressar. Usavam o preto do carvão e o vermelho e o amarelo da terra para pintar cenas de caça, animais e símbolos nas paredes das cavernas [...] Os artistas do final do século XIX usavam as cores complementares para criar os efeitos de luz e sombra em suas pinturas.

[...] Assim, o contraste da violeta e do amarelo produzia uma impressão de luz e sombra mais real para os impressionistas do que o claro e o escuro pelos pintores barrocos. (2001: 107-113)

Para interpretar a notícia, a foto tem um papel importante. Suas cores, tamanho que foi diagramada na página e expressões faciais, todos juntos formam um conceito, uma mensagem. Não só no jornalismo, a fotografia em si teve grande contribuição para o desenvolvimento da humanidade.

[...] Mal podemos hoje avaliar o enorme impacto sobre o ser humano provocado pela invenção da fotografia. Por se tratar de uma fixação fotoquímica dos sinais de luz emitidos pelos próprios objetos do mundo, à maneira de um espelho, a fotografia estabelece uma conexão física, dinâmica, factual e existencial com os objetos reais que ela registra. Não foi e continua sendo casual a euforia dos ingênuos e incautos diante da fotografia: através de um processo físico-químico de correspondência ponto a ponto, finalmente é a própria realidade que o homem se tornou capaz de flagrar. [...] transporta a brecha da diferença entre o signo e o objeto por ele representado. (Santaella, 1996: 61)

3.1. Jornal Hoje em Dia

Entre outros fatores, é para caracterizar e respeitar as afinidades dos leitores por determinados assuntos, que o jornal impresso é dividido por editorias. É o que explica Dines no livro *O papel do Jornal*.

Apesar de grandes tiragens, o jornal é um produto dirigido a cada leitor em separado [...] Mesmo que cada exemplar seja lido em média por três leitores, cada um deles encontra algo muito seu e muito próprio. [...] O jornal consegue atender a cada leitor que o manuseia e, na medida que o satisfaz, torna-se sua “propriedade” [...]. (1986: 77)

O Jornal Hoje em Dia existe há 18 anos e tem se tornado cada vez mais um dos jornais mais lidos de Minas Gerais. Segundo dados de uma Assessoria de Imprensa de Governador Valadares, Óbvio Comunicação Integrada, o jornal Hoje em Dia, conta atualmente com uma tiragem de 50 mil exemplares no final de semana e 36 mil durante a semana, sendo que cerca de 5.300 exemplares são distribuídos para Governador Valadares e região. O jornal conta com as

editorias de Política, Esporte, Cultura, Minas, Mundo e Economia, Brasil e Opinião.

No dia escolhido para análise, 23 de agosto de 2005, o jornal trouxe na capa uma matéria no alto da página (lugar privilegiado no jornal, conhecido como manchete⁵) sobre as obras na avenida Antônio Carlos, que iria ocasionar transtornos no trânsito, localizada na editoria de Minas. Serviu mais como forma de prestação de serviço à população. Chamadas⁶ de capa sobre financiamento da casa própria pela Caixa Econômica Federal (editoria de Economia); denúncia do Ministério Público sobre a tortura de 72 presos, supostamente realizada por policiais militares e civis no sul de Minas e a participação da terceira idade em danças folclóricas no centro de Belo Horizonte (editoria de Minas); compra do Borroca Tênis pela Pampulha Iate Clube (editoria de Economia).

E ainda pequenas notinhas, todas na editoria de Minas, sobre o caso da morte do estudante no Bungee Jump de Araguari; a desativação da balança na Br – 135 no norte de Minas; a substituição do presídio por cadeia na cidade de Caratinga; sequestro com refém. Presume-se que apesar de editorias diversificadas, a prioridade no jornal na escolha das chamadas de capa são matérias de Minas.

O jornal trouxe ainda uma única publicidade da Record Minas; chamadas para os articulistas do dia; previsão de tempo; índice explicando as editorias e de que naquele dia, o jornal teve 48 páginas. A relação do jornal com o Estado se dá não apenas com as matérias, mas até na cor da logomarca: vermelho e preto, cores da bandeira mineira.

4. Análise

Tomando como análise a foto e a chamada de capa de Jean, percebe-se que no plano de expressão, quanto à substância, estão presentes o pai, mãe e irmão de Jean Charles, e algumas pessoas desconhecidas ao fundo, que apesar de não serem conhecidas pela mídia, e sociedade em geral, passa a imagem de que o brasileiro Jean Charles, morto em Londres por engano, era querido por todos.

Na família de Jean, todos estão vestidos de forma simples, sendo que o pai e o irmão estão vestidos com roupas mais claras, que semioticamente po-

⁵ Definido por Discini (2005: 89) como o título principal, composto por letras garrafais e publicado com grande destaque, geralmente no alto da página de um jornal ou revista. Indica o fato jornalístico de maior importância entre as notícias contidas no jornal.

⁶ Discini (2005: 89) ressalta que é a própria notícia resumida na primeira página que, ao dar a indicação da página interna do jornal em que o noticiário está mais completo, orienta o leitor para o avanço da leitura.

dem ser traduzidas como um grito por paz e justiça, já a mãe, umas das mais abaladas, veste roupas de cor mais escuras, que se refere ao momento em que ela está passando, de angústia e tristeza, além da cor preta ser um código que foi arbitrado, aceito e compartilhado pela sociedade como símbolo do luto. A fonte utilizada no título foi maior do que a nota do texto e ainda em negrito; o negrito também foi utilizado na legenda, a palavra saudade e ainda ao final da notinha, dando destaque à página que se encontra a matéria e a editoria.

Nada fala mais do que as cores das roupas das pessoas e as suas funções, para se entender o contexto. A linha editorial do jornal optou por fazer um contraste de situações. Logo abaixo da foto da matéria analisada, há uma foto colorida, praticamente do mesmo tamanho da matéria do metrô sobre a participação da terceira idade em danças folclóricas no centro de Belo Horizonte. Mostra-se então, um contraste de momentos, que parece querer levar o leitor a entender no mesmo momento em que uns sofrem, outros em lugares diferentes, estão comemorando.

Ainda no plano de expressão, em relação à forma, a foto traz uma combinação de elementos que definem o atual momento que a família do brasileiro está vivendo. A autora Freitas (1994: 145) traz para o texto as contribuições de Bakhtin (1976: 12) para o papel do gesto, da mímica e da gesticulação facial: “Quando uma pessoa entoa ou gesticula, ela assume uma posição social ativa com respeito a certos valores específicos, e essa posição é condicionada pelas próprias bases de sua existência social”.

Como é o caso do choro escondido da mãe de Jean Charles, que de cabeça baixa, assume uma posição social de sofrimento e ao mesmo tempo, de vergonha de não ter sua privacidade preservada. Nos traços do irmão percebe-se uma imagem triste, mas ao mesmo tempo forte, parecendo que nada daquilo teria acontecido ao seu irmão. Já o pai, sempre contido na maioria das matérias que são divulgadas, traz uns traços de homem lutador e trabalhador, que sobrevive com o desejo de fazer justiça a morte do filho.

Mediante os elementos do plano de expressão, chega-se a um significado abrangente no plano de conteúdo, na substância, que é toda uma família abalada e triste, inconformada com o ocorrido; e uma mídia que embora também queira fazer justiça, utilizando o jornal como veículo, acaba expondo a família, usando palavras de sentidos fortes e foto apelativa, que procuram sensibilizar o leitor.

Antes de passar para a fase do Plano de conteúdo, o ponto de vista verbal (soletração e sintagmação) deve ser analisado primeiramente. Em relação à sintagmação, que, para Greimas, é a análise feita sintagma por sintagma (parte por parte) pode-se abordar na capa a utilização de um título: Metrô teria fil-

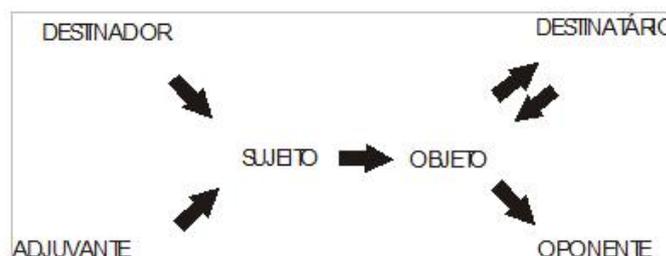
mado Jean (título que utilizou letras em caixa alta), uma nota que ocupou três colunas, medindo cada uma 5,3 cm de largura e 1,5 cm de comprimento. Além de uma legenda, que trouxe uma informação a mais que não estava na nota. A legenda, hoje em dia, tem sido muito usada para trazer algo de novo à matéria, não apenas reafirmar a fala de alguém ou identificar alguma pessoa.

A soletração é a junção de todos os sintagmas que produz algum sentido. À primeira vista o sentido passado pela matéria é uma reportagem feita com total emoção por parte do jornal, foto bem produzida, legenda “redonda” e um texto que leva o leitor a sentir desejo de justiça. Mas analisada o plano de conteúdo, pôde-se perceber uma imprensa que a todo o momento quer expor tanto o caso de Jean, quanto à vida dos familiares. É possível perceber com os léxicos: *saudade* (utilizada na legenda) e *execução* do mineiro Jean Charles de Menezes. Além das imagens visuais, com uma foto que por si só já diz tudo. Recursos como esses deixam o texto jornalístico mais sensacionalista, conseguindo, portanto, mais leitores.

A configuração discursiva (capa) do jornal Hoje em Dia do dia 25 de agosto de 2005 possui três classemas: o alto de página, com a foto sobre o trânsito, a do meio sobre a possível filmagem do assassinato de Jean e uma chamada para a matéria sobre as danças folclóricas da terceira idade. Já os semas se referem a todos os elementos da capa, a todas as outras chamadas, os títulos, o informe publicitário, a referência de site, a previsão do tempo, além das logomarcas.

Na narrativização, Greimas estabelece quem são os sujeitos e os objetos. Na matéria jornalística analisada, na enunciação (aparicação dos envolvidos na notícia), o narrador é o editor da editoria Mundo e os narradários (termo utilizado na Semiótica Francesa para se referir ao público alvo) são os leitores do Jornal Hoje em Dia. S/3 (Manipulador) = suspeita das câmeras do metrô ter filmado a hora em que Jean foi assassinado, que é a curiosidade do leitor. S/1 (Sujeito) = Foto da família de Jean. O (objeto) = Justiça. S/2 (oponente) = Matéria sobre as obras no centro de Belo Horizonte. O símbolo \cup significa disjuncto, já o \cap , significa conjuncto. Logo, seguindo a fórmula, tem-se: $S/3 = [(S/1 \cup O) \cap S/2] \Rightarrow (S/1 \cap O \cup S/2)$.

O semiótico utiliza essa fórmula para narrar as diversas histórias, que tem como objetivo resolver algum problema, que por causa de algum oponente ainda não foi solucionado. Essa mesma matéria divulgada no Hoje em Dia pode ser explicada da seguinte forma: o manipulador gerador da matéria foi o fato novo: suspeita das câmeras do metrô estarem ligadas no dia da morte de Jean, que instiga a curiosidade de todos; sujeito é a foto com a família de Jean; objeto é o desejo da família por justiça, já o oponente é o que está impedindo o sujeito ficar conjuncto com o objeto.



Outra forma de narratividade proposta por Greimas é o modelo actancial, que no seu esforço de simplificar determinada história, tem como base uma relação transitiva teleológica entre sujeito e objeto. O modelo define o destinador, sujeito, objeto, destinatário, adjuvante e oponente, por meio do fluxograma:

No livro *A análise da Narrativa*, o autor Reuter (2002: 45 - 46) explica a definição do modelo actancial segundo Greimas:

Greimas propôs um dos modelos mais conhecidos – o esquema actancial. Partiu de uma hipótese similar à de Propp para as ações: se todas as histórias - independente de sua diversidade – possui uma estrutura comum, isso acontece decerto porque todas as personagens – independentemente de suas aparentes diferenças – podem ser agrupadas em categorias comuns. Ele chamou essas categorias comuns – abstratas – de forças ativas (não se trata somente de personagens “humanas”), necessárias a toda a intriga, actantes.

No caso da foto do jornal *Hoje em Dia*, o destinador (fator impulsionador da história) foi a curiosidade do consumidor em saber novos fatos sobre a história de Jean; o sujeito, é a própria foto, utilizada como análise; o objeto é o desejo de todos, que é a solução do caso e justiça para os culpados; o oponente é o que na página atrapalha a foto em ter sido destaque, que foi a matéria concorrente de alto de página (lugar mais privilegiado no jornalismo) sobre as obras no centro de Belo Horizonte, que influenciaram no trânsito da cidade; o adjuvante, que ajuda a ser mais destaque, foi o próprio assunto, o cenário e expressões apelativas da família de Jean; já o destinatário, expressado no modelo actancial por setas opostas, indica que o desejado (objeto) pode ser alcançado ou não, no caso de Jean, fato que ainda não aconteceu.

A foto foi diagramada em uma posição não muito em destaque, por estar na parte inferior da página, dando prioridade a um assunto mais factual, que

foi a mudança do trânsito em Belo Horizonte, devido a um incidente de obras, do que uma suíte⁷ do caso Jean Charles de Menezes. Essa não foi o caso, mas na maioria das vezes o texto pede piedosamente por uma legenda. Medina ressalta a importância da legenda:

Nem sempre a legenda é trabalhada com a atenção que merece como apelo. Essencialmente, seu papel tradicional é formular um dado que diminua abertura ambígua na fotografia, ou nada mais do que identificar as pessoas fotografadas. Trata-se daí de um uso primitivo de legenda, porque os veículos mais modernos já se deram conta de sua força apelativa. Com o apelo visual da foto e o interesse imediato que provoca no leitor, é natural que se caia na leitura da legenda. E aproveitando esta oportunidade, o texto pode remeter para o produto total – a matéria. (1988: 123)

No entanto, fazendo uma análise mais profunda do caso, desde a morte do brasileiro, percebe-se mais uma espetacularização do rapaz por parte da mídia, e até mesmo por parte dos moradores de Gonzaga. Na mídia, pelo fato de ter colocado a família do rapaz como verdadeiros astros, que até para Londres, local do crime, eles viajaram. A exposição se deu de tal forma, que até pouco tempo ninguém conhecia o jovem, e, de uma hora para outra, ele passa a ser citado em primeira capa de todos os jornais do país e do mundo, de uma forma até íntima: Jean. E, se no jornalismo utiliza-se o primeiro nome ou apelido, é porque realmente a pessoa passou a ser conhecida nacionalmente, por exemplo, Lula (Luiz Inácio Lula da Silva), ACM (Antônio Carlos Magalhães), FHC (Fernando Henrique Cardoso), entre outros.

Já em relação à exposição por parte dos moradores de Gonzaga (cidade Natal de Jean), ficou ainda mais nítida a construção de uma cena teatral. A imprensa com o desejo de “cavar” personagens na pequena cidade, entrevistou diversas pessoas. Quem não era parente passou a ser melhor amigo de Jean. Pela cobertura da imprensa, as fontes devem ter sido avisadas horas antes que iriam dar entrevistas, a maioria dos entrevistados, vestia roupas engomadas, usadas em eventos especiais, além de cabelos devidamente penteados, para não sair feio na foto. A imagem passada pela imprensa, por meio da exposição das figuras dos personagens, é um desvio da preocupação, passando do fato principal, que é a morte do brasileiro, para qual a roupa vestir e qual o discurso dizer, quando a televisão ou jornal chegar.

⁷ Texto jornalístico usado quando o fato principal já foi divulgado, mas tem gerado outros assuntos referentes ao mesmo. É a retomada de um assunto já veiculado, mas com uma nova abordagem.

Há várias paradigmatisações na página, que é o sentido oculto que está em entrelinhas. Para autor Pinto (2002:30), no jornalismo impresso, a utilização de frases com o sentido oculto é uma das coisas mais naturais. Esse pensamento ganha legitimidade nessa definição do autor:

Ora, o jornalismo impresso, de todas as mídias, é o que mais lida, ou o que lida mais de perto, com a linguagem verbal. É a mídia que mais sabe das coisas da linguagem verbal, de suas sutilezas, de sua possibilidade de fazer n referências a n objetos de maneira cruzada.

Na chamada de capa, pode-se perceber, por exemplo, que, ao colocar uma foto de tal humanização e iniciar a nota falando da acusação de que as câmeras do metrô de Londres estavam funcionando, no dia do assassinato de Jean, deixa bem clara a posição do jornal. Mesmo seguindo o código de ética do jornalista, de ouvir os dois lados, colocando uma fala de que a polícia londrina nega a existência de imagens, não faz reverter o fato de que no contexto de tanta emoção, transmitida pela foto, a frase de que a polícia londrina nega a existência de imagens, pareceu mais uma ironia do que um fato verídico.

5. Considerações finais

A Semiótica Francesa, baseada nas reflexões de Algridas Julien Greimas, foi de suma importância para interpretação da mensagem passada por um jornal impresso, tanto o visual, quanto os textos. Ao final do artigo científico, tomando como referência à análise da chamada de capa sobre Jean Charles no jornal Hoje em Dia, conclui-se, que com a finalidade da busca incessante por lucro, o jornal seguiu uma linha, considerada pelo código de ética, uma infração, como prevê o artigo “Deveres do Jornalista”, que é respeitar a privacidade do cidadão. Apesar do país e do mundo estar revoltado pela morte do brasileiro por engano, percebe-se nos recursos analisados pela semiótica francesa, como cor, fonte e lugar na página, mais como uma exposição da família de Jean, sensibilizando a todos, do que um verdadeiro sentido de revolta.

6. Referências bibliográficas

ANDRADE, Maria M. (2001), Introdução à Metodologia do Trabalho Científico, 5. São Paulo: Atlas.

- BARTHES, Roland. (1964), Elementos de Semiologia. São Paulo: Cultrix.
- CORAGEM, Amarílis Coelho e SILVA, Sidmar Estevam Maia e. (2001), Arte: 1ª série ensino médio. Belo Horizonte: Universidade.
- DINES, Alberto. (1986), O papel do Jornal, 6. São Paulo: Summus.
- DISCINI, Norma. (2005), A Comunicação nos textos. São Paulo: Contexto.
- DONDIS, Donis A. (1999), Sintaxe da Linguagem Visual, 2. São Paulo: Companhia de Letra.
- ECO, Humberto. (1979), Obra Aberta. São Paulo: Perspectiva.
- FIORIN, Luiz F. (1996), Linguagem e ideologia. São Paulo: Ática.
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. (1994), Vigotski e Bakhtin – Psicologia e educação: Um intertexto. São Paulo, Ática.
- GREIMAS, Algirdas J. (1973), Semântica Estrutural. São Paulo: Cultrix/Edsusp.
- MEDINA, Cremilda. (1988), Notícia um produto a venda, 4. São Paulo: Summus.
- NORTH, Winfried.(1999), Panorama da Semiótica, 2. São Paulo: Annablume.
- SANTAELLA, Lúcia. (1996), Cultura das Mídias. São Paulo: Experimento.
- SANTAELLA, Lúcia. (1983), O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense.
- THOMPSON, John B. (2004), A mídia e a modernidade, uma teoria social da mídia, 2. Petrópolis: Vozes.
- TRAQUINA, Nelson. (2001), O estudo do Jornalismo no século XX. Rio Grande do Sul: Unisinos.
- VANOYE, Francis. (2003), Usos da Linguagem. São Paulo: Martins.
- WOLF, Mauro. (2003), Teorias das Comunicações de massa. São Paulo: Martins Fontes.
- PINHO, José Alves. Análise da Narrativa. Disponível em: <http://www.jopinho.planetaclix.pt/Index.htm>[Consultado a 31 de maio de 2005].

7. Anexo

O JORNAL

Hoje

EM DIA

17

OBRAS MUDAM O TRÂNSITO EM BH



22h30 - O trânsito em Belo Horizonte sofreu alterações devido às obras de reforma do túnel de acesso ao metrô. Os veículos devem seguir pelo lado direito da via, evitando o acostamento. O trabalho é realizado pela Companhia Saneamento de Belo Horizonte (CSBH).

23h30 - O trânsito em Belo Horizonte sofreu alterações devido às obras de reforma do túnel de acesso ao metrô. Os veículos devem seguir pelo lado direito da via, evitando o acostamento. O trabalho é realizado pela Companhia Saneamento de Belo Horizonte (CSBH).

Poupança vai financiar imóveis, e CBT prepara feirão

Com o objetivo de facilitar o acesso à habitação, a Caixa Econômica Federal anunciou que vai financiar imóveis de até 100 metros quadrados. Além disso, o CBT prepara um feirão de vendas de imóveis em Belo Horizonte.

Efeito Palocci derruba dólar

PIC negocia a fusão com o Barco para ter 3ª unidade

As negociações para a fusão da PIC com o Barco estão avançando. O grupo pretende adquirir uma terceira unidade para fortalecer sua posição no mercado brasileiro.

MP denuncia policiais por tortura contra 72 presos

O Ministério Público denunciou 72 policiais militares por acusações de tortura contra presos em Belo Horizonte. O caso envolveu a utilização de métodos ilegais para obter informações.

Metrô teria filmado Jean



Segundo fontes próximas ao metrô, houve uma situação envolvendo Jean durante uma viagem. O incidente ocorreu em um vagão lotado, gerando especulações sobre o ocorrido.

ABOLICIONISTAS

Manifestação em apoio à causa abolicionista em Belo Horizonte. Os participantes exigem o fim imediato da escravidão e a reparação das vítimas.

TERCEIRA TONADA



Uma apresentação teatral intitulada 'Terceira Tonada' foi realizada em Belo Horizonte. O espetáculo aborda temas sociais e culturais, recebendo elogios da crítica.

RECEITA

Relatório sobre a situação econômica e financeira de Belo Horizonte. A receita municipal apresentou crescimento em comparação ao período anterior.